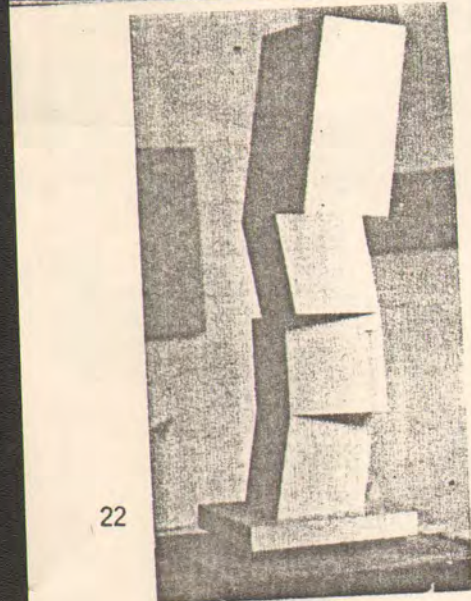
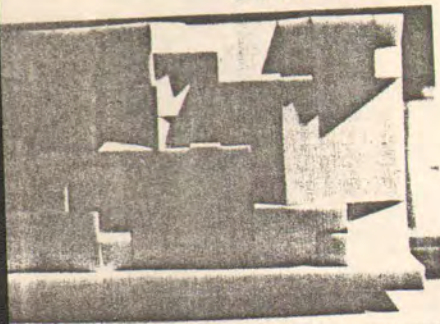


ARTES PLÁSTICAS

CANSADO DE SER ESTRANGEIRO EM PARIS, O ESCULTOR
SÉRGIO CAMARGO
VIVE FELIZ, AGORA, EM JACAREPAGUÁ. ELE É UM DOS RAROS
ARTISTAS BRASILEIROS COTADOS NO EXTERIOR. EM DÓLAR



Sérgio acha que falar em arte é uma gagueira. Mas fala. E filosofa, recomendando que, diante do fato plástico, o melhor é o vácuo verbal.



Os computadores consertaram o braço emperrado do laboratório Viking em Marte. Também acenderam, via satélite, a tocha olímpica. Mas ainda não foram capazes de resolver as equações plásticas da arte de Sérgio Camargo. E, no entanto, quando se olha, reolha, pensa e repensa as esculturas desse famoso artista brasileiro, tem-se a impressão de que a geometria passou por ali, em cálculo integral, naquela base einsteiniana de que o universo é finito. Falando mais claro, a gente é levado a imaginar que, com régua e compasso, pode fazer a mesma coisa chegar às mesmas soluções de forma e espaço.

Em Niterói, pelo menos, os programadores de um centro de computação (com perdão da má palavra) tentaram a experiência e fracassaram.

"Pra mim, até que é simples — diz Camargo. — Apanho sólidos geométricos e vou compondo combinações até obter o que me parece bom, expressivo, bonito. Nada mais. Não quero transmitir nada. Apenas isso."

Nascido no Rio, mas parisiense por vocação, Sérgio Camargo é um homem alto e saudável que mora numa enorme chácara em Jacarepaguá. Cercado de árvores e isolado num funcionalíssimo ateliê construído por Zanino, ele trabalha em silêncio, pensando mais nos seus colecionadores londrinos ou americanos do que nas galerias de Ipanema e São Paulo.

"Foi na Europa que tudo começou — lembra ele. — Eu estudava filosofia na Sorbonne mas passava a maior parte do tempo no Louvre e nas galerias de arte. Frequentava mais os artistas que os filósofos. E foi assim que conheci Arp, Vantongerlao, Brancusi e tantos outros. Mas foi Brancusi quem mais me impressionou. O velho me recebeu de tamancos e com uma meia de mulher na cabeça.

Cada peça de Sérgio é um desdobramento que só lhe satisfaz depois de esgotadas as possibilidades de transformação. Londres e Nova Iorque adoram.

Gentilíssimo na minha primeira visita, chateou-se com a segunda, perguntando, de cara: Você está pensando que isso aqui é botequim? E me botou na rua. Mas dois dias mais tarde eu lá estava de volta e ele teve que me aturar umas 30 vezes."

Você falava o que com ele? Perguntava muito? Discutia?

"Absolutamente. Eu procurava incomodar o mínimo, conversando sobre tudo, exceto sobre arte. O importante, para mim, era absorver a experiência dos grandes artistas para melhor entender o que faziam. Sempre aprendi muito com as pessoas. A arte não existe por si mesma. Ela é uma interpretação inteligente das coisas, algo muito sutil que emana das coisas e que a gente tem que saber captar. É por isso que as chamadas *pelos artes* (e a arte acadêmica, principalmente) constituem um verdadeiro bloqueio."

A arte é uma atividade superinteligente?

"Eu diria que é uma maneira especial de respirar."

Você aprendeu essa arte simplesmente olhando, observando?

"Pera aí. Depois da filosofia, eu tentei o Direito com D maíúsculo, mas também não fui longe. Havia de tudo nos meus planos, menos a escultura. Acho que, na verdade, ela estava escondida dentro de mim, desde os tempos em que, morando com meus pais na Argentina, eu visitava a Academia Altamira, que ficava na esquina da nossa rua. Mas quando me decidi, houve um escarcéu na família. Eu vivia na Europa com a mesada que papai me mandava. E ele achava que esse negócio de arte era pura malandragem. Então, fiz um retrato dele para provar que sabia, realmente, ser artista."

Ele gostou do retrato? Retrato ou busto?

"Busto. Figurativíssimo! Meu pai se deu por vencido e eu fui adiante, até que, impressionado com as obras de Kandinsky, mergulhei no abstracionismo. Era a busca da terceira dimensão, da quarta, da

quinta. Mas para sustentar minhas experiências, eu tinha que realizar trabalhos paralelos. Fiz corretagem de imóveis, organizei jardins e muitas outras coisas. Era um jeito de deixar minha arte fora, ou melhor, longe do comércio. Eu seria capaz de fazer qualquer negócio, desde que ficasse independente em arte."

Não era possível viver só da escultura?

"Isso é perfeitamente possível, mas é uma loteria. Eu acertei no milhar, depois de muita luta e sofrimento." No começo, Sérgio Camargo realizava suas peças em madeira pintada de branco. Hoje, ele trabalha com mármore de Carrara sem polimento.

Seu elemento-base é um cilindro lancetado que permite a formação de relevos e formas. Suas esculturas são um desdobramento de si mesmas e ele só se dá por satisfeito quando sente que todas as possibilidades de transformação já foram esgotadas.

"Nem sempre o resultado obtido é aquele que eu pretendia ao começar o trabalho. Não é como modelagem. Organizo suítes, continuações, desenvolvimentos. Duplico, estico, encolho, giro as peças até encontrar o movimento certo, satisfatório."

Você gosta de falar sobre a sua arte?

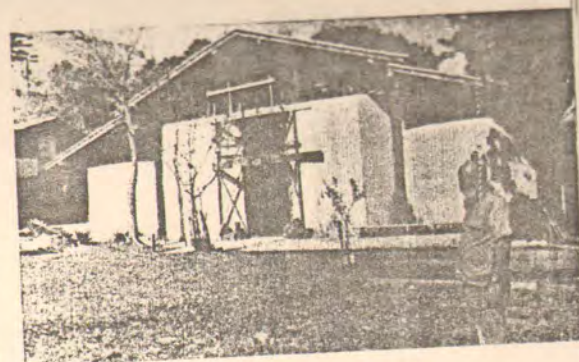
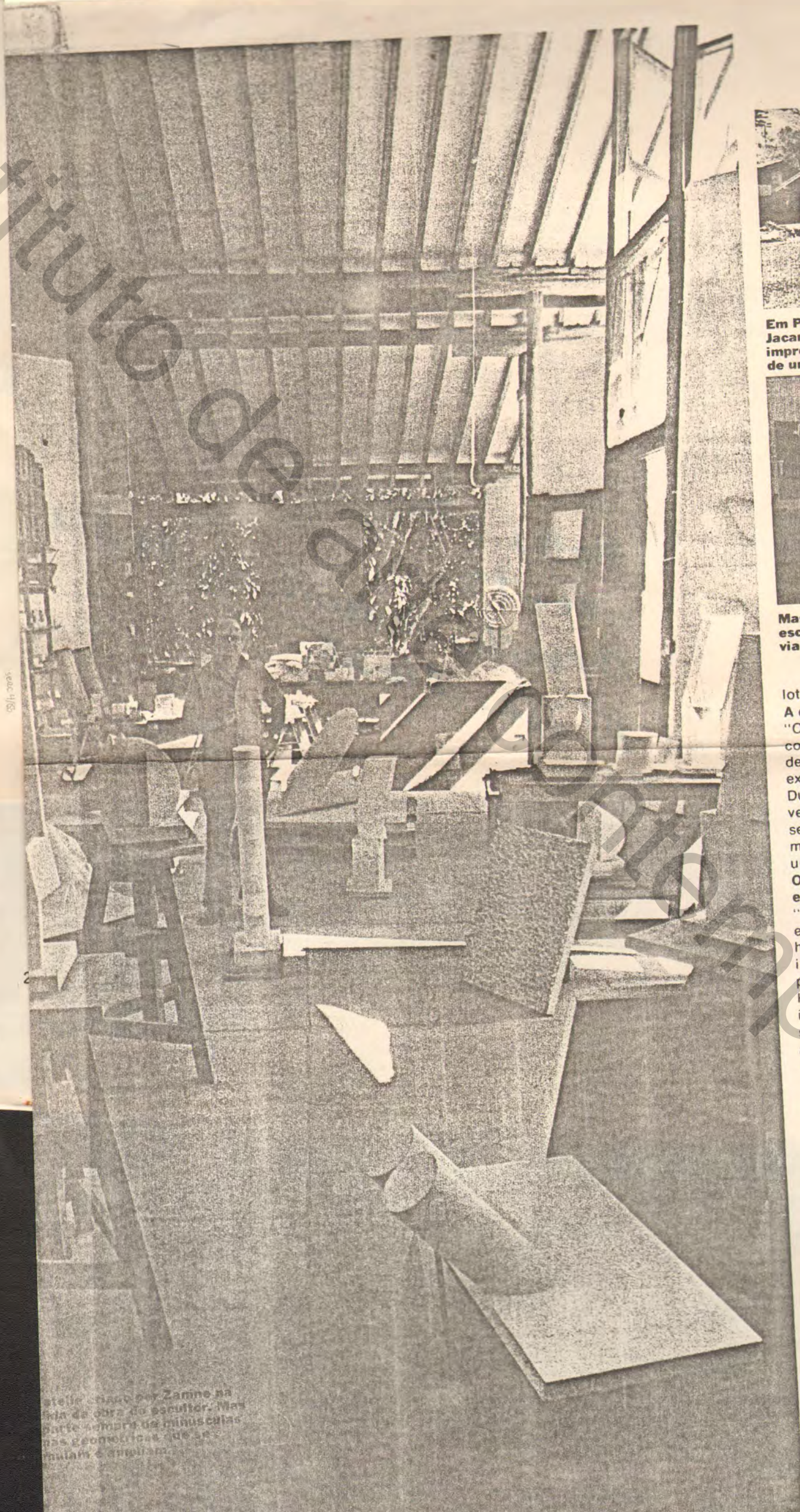
"Claro que não. Tanto assim que até nos meus folhetos recomendo, diante do fato plástico, o vácuo verbal. Falar sobre arte me lembra uma conversa de gogos. É uma gagueira!"

Quem compra suas obras? Que tipo de gente?

"São os *marchands* internacionais que vendem. No mundo inteiro. Agora, quem compra? Museus, colecionadores, empresas. Isso me obriga a expor no exterior com alguma frequência. É um trabalho terrível."

Os preços são em dólares?

"É a moeda de cálculo internacional. Na verdade, eu não cuido disso. Não penso muito em dinheiro. Ele é uma consequência. É o prêmio daquela



Em Paris, era a rotina. Agora, em Jacarepaguá, Sérgio aguarda o imprevisto. Seu ateliê fica no meio de um parque.



Mas além desse ateliê carioca, o escultor possui outro, na Itália, por via das dúvidas.

loteria de que falei antes."

A cultura é cara...

"Cara para o artista e para o comprador. Até agora, já tive cerca de 100 exposições realizadas no exterior e apenas 10 no Brasil. Durante 13 anos não consegui vender uma só peça no Brasil. Não sei porque. Talvez por falta de mercado. Por isso ainda mantenho um ateliê na Itália."

Onde você explodiu como escultor?

"Houve dois pólos emissores. Paris e Londres. Ainda resta, historicamente, uma herança da influência artística de Paris. Mas o pólo transferiu-se para Nova Iorque. Hoje, com esse fenômeno da interligação das informações, tudo se diluiu. A gente sabe o que acontece no mundo inteiro e está em toda parte. A arte européia não desembocou em nada, excetuando o cubismo. Acho que a causa disso foi a excessiva comercialização da arte. A tônica parisiense de hoje é o mercado."

Você voltou ao Brasil para ficar? Porquê?

"Sim. Fugi de Paris como quem foge da rotina. Era preciso procurar a possibilidade de imprevistos. Além disso, enjoei de ser estrangeiro. Quando a gente começa a achar que mesmo as coisas ruins são boas, que o menor grão de feijão tem sabor de caviar, então é porque chegou a hora de checar tudo de perto. É o que estou fazendo." □

Reportagem de **Mara Bentes**
Fotos de **Christiano Teixeira**